

# Emprego e renda perdidos no lixo

Com o fracasso do programa de coleta seletiva, 83% dos rejeitos reaproveitáveis são jogados no Lixão da Estrutural

**GUILHERME QUEIROZ**

A Belacap atribui a inércia do programa à falta de empenho da população. Especialistas, por sua vez, apontam que não há vontade política de se manter a iniciativa em andamento. Sejam quais forem as razões, o programa de coleta seletiva de lixo do GDF, que chegou a separar até 60% dos rejeitos recicláveis dos restos não aproveitáveis não consegue separar mais de 10% do que é coletado no Plano Piloto. Com essa marca, 2.200 toneladas de lixo com valor comercial vão parar no Lixão da Estrutural, onde passam a valer absolutamente nada.

Para se ter uma idéia, o Lixão recebe diariamente cerca de 2.400 toneladas de lixo por dia. Segundo dados da Belacap, apenas 7% do que é despejado na área é lixo não têm qualquer serventia e tem de ser depositado no aterro. Do restante, 47% é composto de resíduos orgânicos – que poderiam ser destinados a usinas de compostagem para a fabricação de adubos. Materiais recicláveis, como alumínio, vidro, ferro e garrafas PET,

constituem 46% do total coletado.

Criado em 1991, o projeto piloto da coleta seletiva foi implantado, inicialmente em Brasília. Segundo o chefe da Assessoria de Planejamento da Belacap, Cláudio Rachid Dias, o programa foi bem recebido pela população local e, em 1995, expandido para as quadras residenciais do Plano Piloto – com exceção das 700. Ele argumenta que, embora os resultados iniciais do programa tenham sido positivos, o nível de conscientização ao longo dos anos foi definhando.

– Achamos que o nível de desenvolvimento social fosse tornar a tarefa mais fácil mas isso não aconteceu. Nos enganamos – afirma Rachid Dias.

Dados da Belacap dão conta de que o Plano Piloto sozinho é responsável por 20% – cerca de 500 toneladas – do lixo despejado diariamente no Lixão. Não há dados sobre o quanto de rejeitos recicláveis são jogados diariamente nas lixeiras, mas a Belacap calcula que, das mais de 1 milhão de toneladas de lixo co-

letadas em 2003, apenas 11 mil toneladas de rejeitos reaproveitáveis foram, de fato, reciclados. A maioria, triada nas três usinas da própria Belacap, por catadores de lixo.

– São 46% de matéria-prima que poderiam voltar à indústria e gerar renda. Hoje, são poucas as quadras que se motivam a fazer parte do processo – avalia a pesquisadora do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (UnB), Izabel Zanetti.

Ela aponta que a falta de um programa permanente de conscientização da população atingida pela coleta seletiva está no cerne da inércia que atingiu no programa. Uma barreira que precisa ser vencida, segundo Izabel, é a noção de que “a responsabilidade do morador com seu lixo se encerra no momento em que os rejeitos são deixados nas caçambas dos prédios”. E os moradores precisam acreditar que a separação feita em casa não será desfeita pelos lixeiros, aponta.

– As pessoas se desmotivam vendo que o caminhão passa e



**ESTRUTURAL:** só 7% dos rejeitos que são despejados no Lixão não têm quer reaproveitamento

mistura tudo – argumenta.

Segundo Rachid Dias, entretanto, apesar de o programa não garantir a separação do lixo, os caminhões continuam fa-

zendo atendendo as quadras dentro do sistema elaborado da coleta seletiva. Ou seja, em dias alternados, fazem a coleta do lixo reciclável e do lixo não apro-

veitável. Ele reconhece, por sua vez, que o período de conscientização da população foi muito curto.

## Programa depende de orçamento

Em estudo na Belacap, a reestruturação do programa de coleta seletiva ainda depende de definição orçamentária para 2005. Algumas idéias estão esboçadas mas só poderão sair do papel se houver dinheiro para bancar um sistema de coleta que custa até cinco vezes mais que o recolhimento convencional de lixo. Enquanto isso, assumem a coleta um batalhão com cerca de 10 mil catadores de lixo, que tiram das caçambas renda mensal de até R\$ 800, trabalhando em condições precárias.

Apenas no Lixão da Estrutural, cerca de 500 pessoas estão cadastradas, junto à administradora do aterro, para tirar as 2.400 toneladas de lixo despejadas pelos caminhões. Um trabalho duro e de garimpo, já que o lixo que chega ao Lixão

já foi livrado dos materiais de valor dentro das duas usinas de triagem da Belacap, uma na Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) da Asa Sul e outra Setor P Sul de Ceilândia.

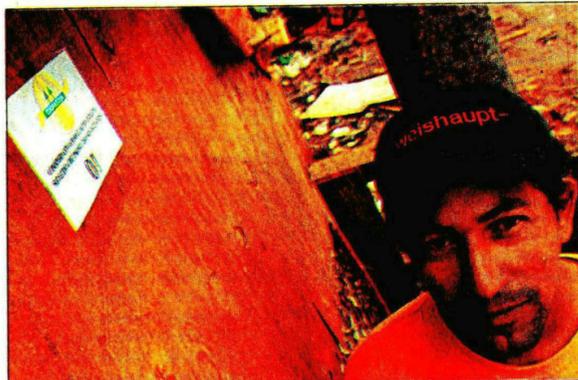
Estudioso do tema há dez anos, o coordenador de Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB, Marcel Burz tyn, estima que um em cada 100 brasilienses, em idade para trabalhar, obtém renda de atividades relacionadas ao lixo. Ele ressalta que o trabalho executado está inserido na cadeia produtiva e que têm relevância tanto para o meio ambiente quanto para a economia. E defende uma tese polêmica em defesa do trabalho dos recicladores:

– Num primeiro sentido, que é perverso, os recicladores representam economia para o

serviço de limpeza da cidade. O GDF deveria pagar pelo serviço prestado – argumenta Burz tyn.

Segundo o chefe da Assessoria de Planejamento da Belacap, Cláudio Rachid Dias, o órgão estuda algumas medidas para incluir os catadores dentro da escala e para dar novo fôlego à coleta seletiva no DF. Além das dez associação de recicladores cadastradas pela Belacap, Rachid Dias afirma que novas entidades podem ser acolhidas para trabalharem em áreas que produzem grandes quantidades de lixo reciclável, como a Esplanada dos Ministérios.

– Só vamos conseguir chegar à antiga marca de 60% de seletividade com mais recursos e com a expansão do programa – salienta Rachid Dias.



**MARCELO RICARTO**, da Coopativa: vamos nos organizar

## Catadores avançam e buscam parceiros

As associações de catadores de lixo preferem não esperar o novo plano de coleta seletiva do GDF para garantirem a renda no fim do mês. Ao invés de percorrerem as ruas a esmo atrás de material aproveitável, as entidades têm buscado firmar parcerias com órgãos públicos e condomínios de áreas residenciais nobres. Enquanto garantem o sustento, participam na implantação da coleta seletiva nos edifícios onde o serviço do GDF não chega.

É que tem feito a Cooperativa Popular de Coleta de Produtos Recicláveis com Formação Ambiental (Coopativa).

Com 250 associados, dos quais 78 ainda moram em um pedaço de cerrado ao lado do Setor de Indústria e Abastecimento (SIA), consegue coletar cerca de 450 toneladas de plásticos e outros materiais recicláveis a cada mês. Hoje, aguardam a liberação de um lote na Vila Estrutural para construir o galpão de triagem da entidade.

– Enquanto não sai o acordo, nós vamos nos organizando por conta própria nos prédios públicos e nos condomínios – afirma Marcelo Ricarto, presidente da Coopativa.

Para o coordenador do Centro de Desenvolvimento Sus-

tentável da UnB, Marcel Burz tyn, há uma necessidade de incluir socialmente os cerca de 10 mil catadores de lixo em atividade no DF porque ele são parte integrante de cadeia produtiva. Ele afirma que a consolidação das cooperativas, que englobam cerca de 3.500 pessoas, precisa ser estendida aos outros que ainda estão desamparados.

### Universo do lixo

**2.400** toneladas de lixo são coletadas diariamente no DF

**1.100** toneladas dos resíduos são recicláveis, ou 46% do total

**47%** do lixo coletado é orgânico

**7%** são rejeitos não reaproveitáveis

**10** cooperativas de catadores de lixo têm convênio com o GDF

**3 mil** catadores estão empregados nas cooperativas

cerca de **10 mil** pessoas vivem do lixo no DF

Fontes: Belacap e Secretaria do Trabalho